

Nesta outra história sobre os trilhos de ferro, são percebidos referenciais para dar o sentido pretendido. Este documento foi feito para divulgar na cidade as disputas ocorridas no interior do bairro Bom Jesus e uma concepção de participação e luta. Neste olhar político, as empresas se tornam exploradoras de nossas riquezas. Não estou dizendo que elas não sejam, porém é um olhar de uma militância que destoava do olhar de muitos trabalhadores que viam nestas mesmas empresas um local de trabalho e que, portanto, colocavam o debate sob outros prismas.

A estratégia de elaboração do documento coloca em pauta nas reformas da cidade outros valores até então silenciados. Se a mudança da estação se justificava na concepção liberal de cidade, a mudança dos trilhos da avenida Monsenhor Eduardo, na interpretação do grupo ligado à comissão de moradores, se legitimava em outros nas vítimas dos acidentes, no cuidado com as crianças, na falta de tranquilidade e na expropriação da nossa riqueza.

Wilma Ferreira de Jesus constrói uma interpretação sobre este processo, colocando estas instituições dentro de um clima de mobilização nacional que envolvia toda população brasileira¹⁸⁰. Wilma Ferreira é hoje assessora do deputado federal Gilmar Machado (PT-MG) e construiu sua militância a partir da sua atuação neste processo. Ao retornar essa experiência na academia, em um trabalho de dissertação, registra sua memória:

A realização desta pesquisa, além de cumprir exigências acadêmicas, objetivou também dar respostas a uma série de indagações que foram fluindo da minha experiência enquanto militante dos movimentos sociais, nas pastorais sociais da Igreja católica e no Partido dos Trabalhadores, especialmente, a partir do início da década de 1980.¹⁸¹

Dessa experiência narrada, surgem suas preocupações acadêmicas: entender como estes movimentos se organizavam na diversidade das experiências dos integrantes

¹⁸⁰ JESUS, Wilma Ferreira de. Poder público e movimentos sociais: aproximações e distanciamentos: Uberlândia – 1982-2000. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

¹⁸¹ Ibidem.

e se relacionavam com o poder público, sobretudo durante esse tempo registrado como da participação e da democracia.

Estas pressões ajudaram a prefeitura a resolver o seu primeiro problema: a retirada dos trilhos. Não pelo prefeito ou por seus secretários, mas pelos moradores na insistência e na manutenção dos seus anseios frente aos interesses dos empresários. Agora, outra e mais complexa luta se iniciara: o que construir neste lugar?

[...] As pessoas pensavam assim: “olha aqui pra nós interessa isso, aqui pra nós interessa aquilo”. Então quando nós pensamos a avenida nós pegamos elementos de toda a população, do bairro inteiro o que as pessoas achavam que era importante. Depois nós sentamos com os arquitetos da prefeitura que na época [...] que era o Godoy, que hoje esta aí, que é o secretário, que na época era o secretário de Planejamento Urbano, que hoje ainda é também e sentamos com ele para pensar um projeto para a avenida e fizemos inúmeras reuniões, envolvemos a comunidade escolar porque ao longo da avenida tem duas escolas de primeiro e segundo grau e tem um rua abaixo ali, uma avenida abaixo, uma outra escola, então no bairro, dentro do bairro tem três escolas da rede estadual. Nós envolvemos a comunidade, os professores, foi um movimento muito interessante e nisso tudo nós éramos só uma comissão de moradores¹⁸²

Aqui se inicia um outro tempo, o da reurbanização. Esse processo desencadeou algo muito rico no que podemos chamar de democratização na construção de lugares na cidade, pelo menos nesse momento em que trata a citação acima da entrevista de Wilma Ferreira de Jesus. Na sua fala, percebemos como ela aborda esse tempo de acordo com aquilo que era importante para estes sujeitos, a idéia de organização dos moradores. O “nós” que ela traz neste trecho refere-se a este grupo responsável pela organização dos outros, da população.

Convivendo com estes militantes, estavam homens como o senhor Fernando Naves, que participou destas reuniões, mas não tinha uma ligação mais próxima com a Igreja ou com outras instituições criadas pelos militantes. Aliás, o senhor Fernando avalia o movimento como “muito igrejeiro, isso afastava muitos dos moradores, uma parte do bairro era atendido, outra parte não e mais assim, também tinha uma certa

¹⁸² Wilma Ferreira de Jesus, entrevista realizada em 20 de janeiro de 2003.

dificuldade de liderança porque excluía, não permitia [...] centralizava as ações”¹⁸³. Quando perguntado sobre o que se lembrava das discussões sobre a reconstrução da avenida, ele traz a seguinte interpretação:

[...] Foram discussões exaustivas sempre no salão paroquial e com a participação do próprio Zaire Rezende e que teve o cuidado de atender ao desejo dos moradores por segurança. Os moradores queriam ali uma avenida arborizada com pistas estreitas porque tem três escolas que praticamente margeiam a Monsenhor Eduardo [...], então o que que é que acontece, foi feito um canteiro central no final da gestão Zaire, ele fez isso do viaduto da Fepasa até a praça Sérgio Pacheco. Então a avenida era realmente uma avenida contínua não tinha tantas passagens, mas tinha segurança pra pessoa atravessa porque a dificuldade maior era pra quem andava de carro, mas pro pedestre não, ele tinha a possibilidade de atravessa pela largura, só a arborização que não deu tempo de fazer porque foi feito assim já no ocaso do governo, final do mandato e desde então as novas administrações investiram contra o projeto [...]¹⁸⁴

Essas discussões exaustivas firmavam ainda na resistência do moinho. A disputa agora seria maior porque, na reconstrução, as diferenças estavam mais claras e passariam a envolver outros grupos políticos e econômicos da cidade. Nessa fala do senhor Fernando Naves, é possível perceber alguns pontos que estiveram na pauta do lado dos moradores. Nesta noção de segurança, ele condensa os valores considerados importantes não só para a avenida Monsenhor Eduardo, mas também para tensionar aquilo que vinha sendo construído na cidade.

Wilma Ferreira de Jesus, neste tempo presidente da associação de moradores, volta a falar sobre esse momento:

Então nós pensávamos a avenida assim, com espaços para as crianças jogarem... então fazer telas com quadras, mesmo que fossem um pouco estreitas, mas para as crianças brincarem ali naquele espaço. Pensamos espaços para as pessoas idosas sentar, jogar, aquelas pessoas idosas que gostam de ir para a praça, sentar e bater papo, jogar baralho, jogar dama, então nós pensamos um espaço desse também. Nós pensamos em jardinagem,

¹⁸³ Fernando Carlos Naves, março de 2005. (destaque nosso)

¹⁸⁴ Idem. (destaque nosso)

que tipo de árvore ... nós queríamos aproveitar todo tipo de arborização que a avenida tinha que era muito grande e ainda é, ainda tem muitas árvores. Então nós pensamos assim, interferir o quanto menos possível na questão da natureza que já existia ali, pensamos num espaço para a população e pensamos numa abertura do bairro para transitar.¹⁸⁵

As memórias da senhora Wilma de Jesus trazem não só os componentes da comissão de moradores da qual ela participava, mas também sua concepção de uma militância partidária. A senhora Wilma se envolvia nessas disputas em vários lugares da cidade e conseguia criar grupos de discussões nos quais dialogava com moradores dos bairros buscando construir os movimentos a partir destas pautas específicas. Dessas discussões promovidas no interior do bairro, saíram três projetos. Na citação acima, está presente um desses projetos construídos no interior da comissão de moradores.

No olhar que estamos construindo aqui, a fenda fora aberta não a partir da democracia participativa, mas pelos moradores que a abriram com a discussão sobre os trilhos e ressignificando esta proposta no movimento do fazer-se na cidade. A idéia de poderem projetar o que seria deste lugar vai ganhando versões diferentes e provocando disputas também internas, o que pode ser verificado no relato de outra moradora:

A gente reunia lá mesmo na casa da Wilminha e esse Flávio esse moço que era deficiente é que [...] fez a maquete e tudo pra nós, pra mostrar como é que era. Então tinha divergência nas opiniões, uns queria que fosse uma avenida só de duas pistas tê aquela área de lazer no meio porque ficava muito distante e podia aproveitar fazer jardim e criar área de lazer mas isso daí é uma opinião que não foi aceita porque ora, como fazer área de lazer numa avenida com duas pistas e num movimento que ia sê aqui né porque estava construindo a Cidade Industrial então o movimento aqui era provável que seria muito aí essa opinião não... depois o Flávio fez a maquete, então era assim um canteiro, preservava as árvores que tinha, fazia os canteiros assim bonitinhos tudo e duas pistas, só duas porque aqui não era alterado...¹⁸⁶

Nesse momento em que conseguiram se colocar como sujeitos ativos de uma construção urbana, percebemos que entre eles havia também diferenças de concepções a

¹⁸⁵ Wilma Ferreira de Jesus, janeiro de 2003.

¹⁸⁶ Maria Aparecida Rosa, março de 2003.

partir dos seus lugares sociais. Dona Maria Aparecida coloca na sua fala as tensões internas e o modo como utilizaram o saber técnico de engenheiros da prefeitura para disputarem o sentido que seria dado para a via. Destas tensões, foram construídos com o apoio de arquitetos da prefeitura, ainda no mandato Zaire Rezende, os desenhos destes projetos:

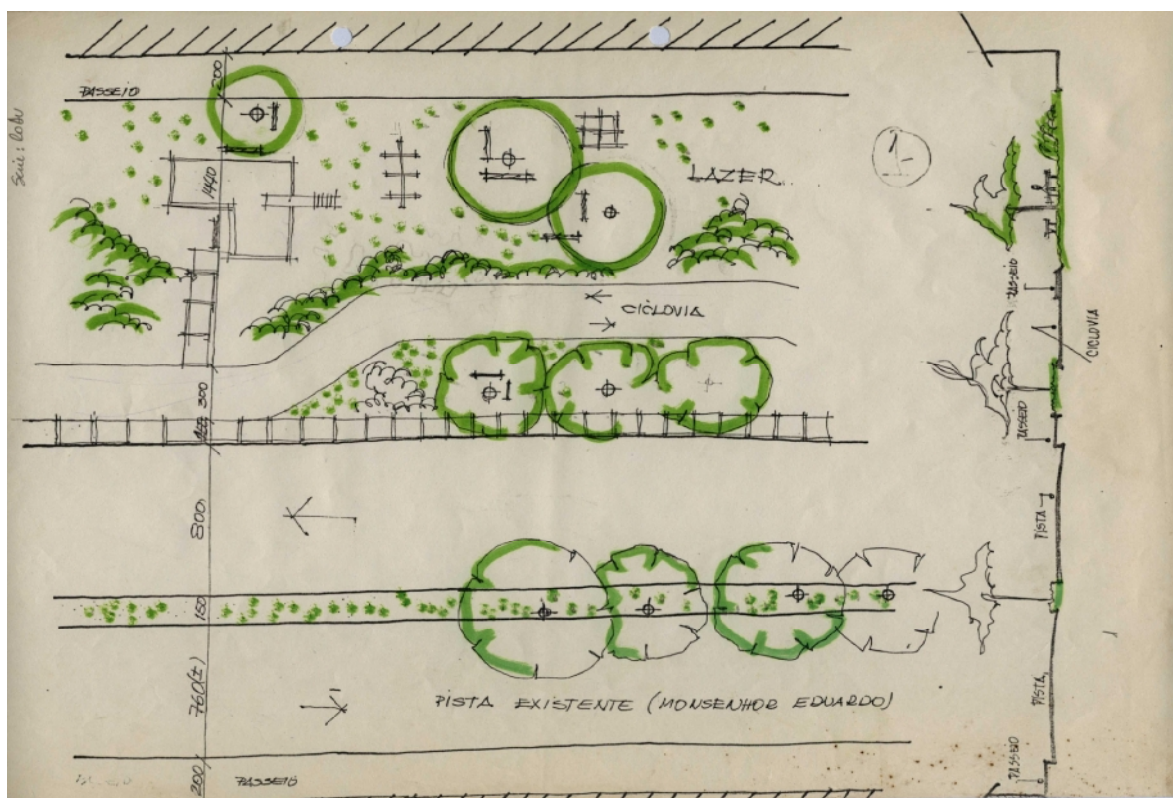


FIGURA 2: Projeto número 01. Fonte: Coleção Associação de moradores do bairro Bom Jesus. Centro de Documentação e Pesquisa em História, Universidade Federal de Uberlândia.

Pontos positivos: aproveitamento das árvores; teria um outro ponto positivo se ao lado fosse uma barreira natural.

Pontos negativos: pouca segurança, porque o elemento tem que atravessar 2 pistas em sentidos diferentes, para chegar à área de lazer; a área de lazer poderia ainda ser prejudicada com a construção de prédios e, posteriormente, teriam que ser abertas entradas para carros.¹⁸⁷

¹⁸⁷ Pontos positivos e negativos dos projetos de urbanização da avenida Monsenhor Eduardo. Coleção Associação de moradores do bairro Bom Jesus. Centro de Documentação e Pesquisa em História, Universidade Federal de Uberlândia, 1986.

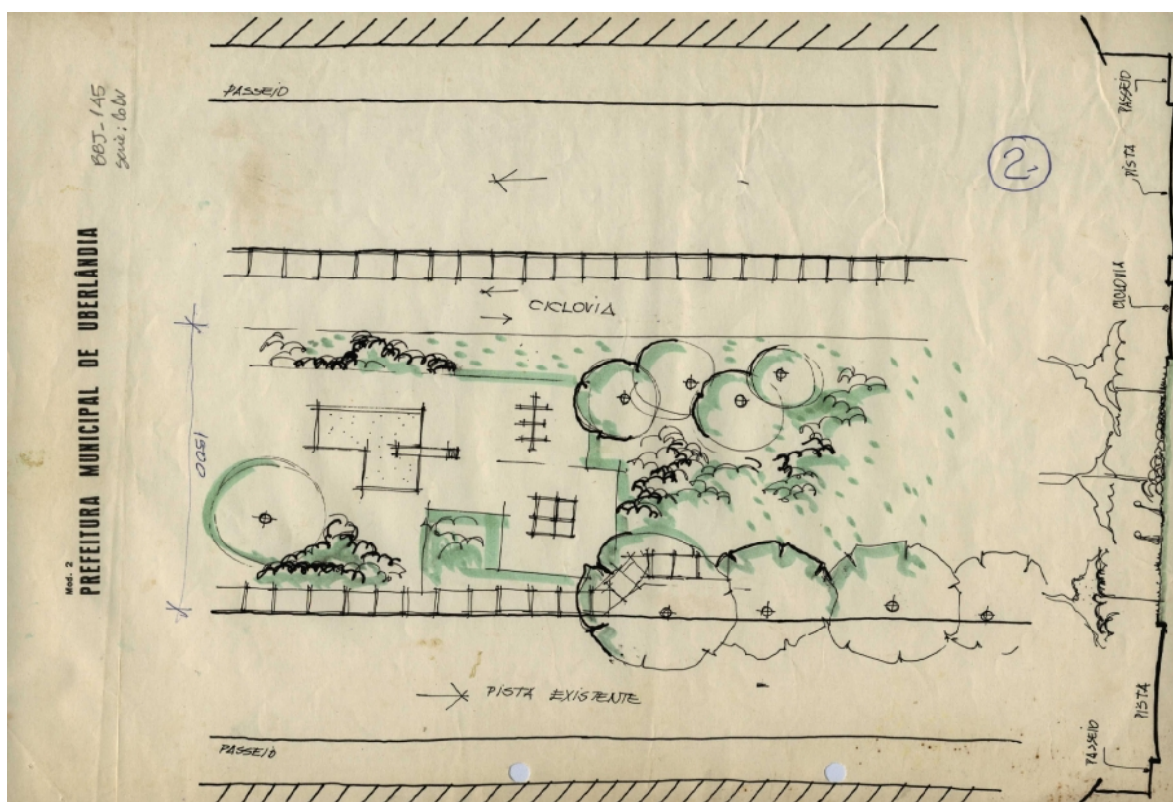


FIGURA 3: Projeto número 02. Fonte: Coleção Associação de moradores do bairro Bom Jesus. Centro de Documentação e Pesquisa em História, Universidade Federal de Uberlândia.

Pontos positivos: para se chegar à área de lazer, teria mais segurança, pois o indivíduo teria que atravessar somente uma pista onde os carros viriam de apenas um sentido; tanto o bairro Bom Jesus como o Operário seriam beneficiados com a área de lazer, tendo que atravessar uma única pista para chegar até ela; aproveitamento das árvores; a ciclovia foi colocada do lado esquerdo para aproveitar as árvores já existentes; aproveitamento do escoamento pluvial; do parque e outros serão cercados com telas ou com o que for necessário.

Ponto negativo: ter que atravessar a rua para chegar à área de lazer.¹⁸⁸

¹⁸⁸ Ibidem.

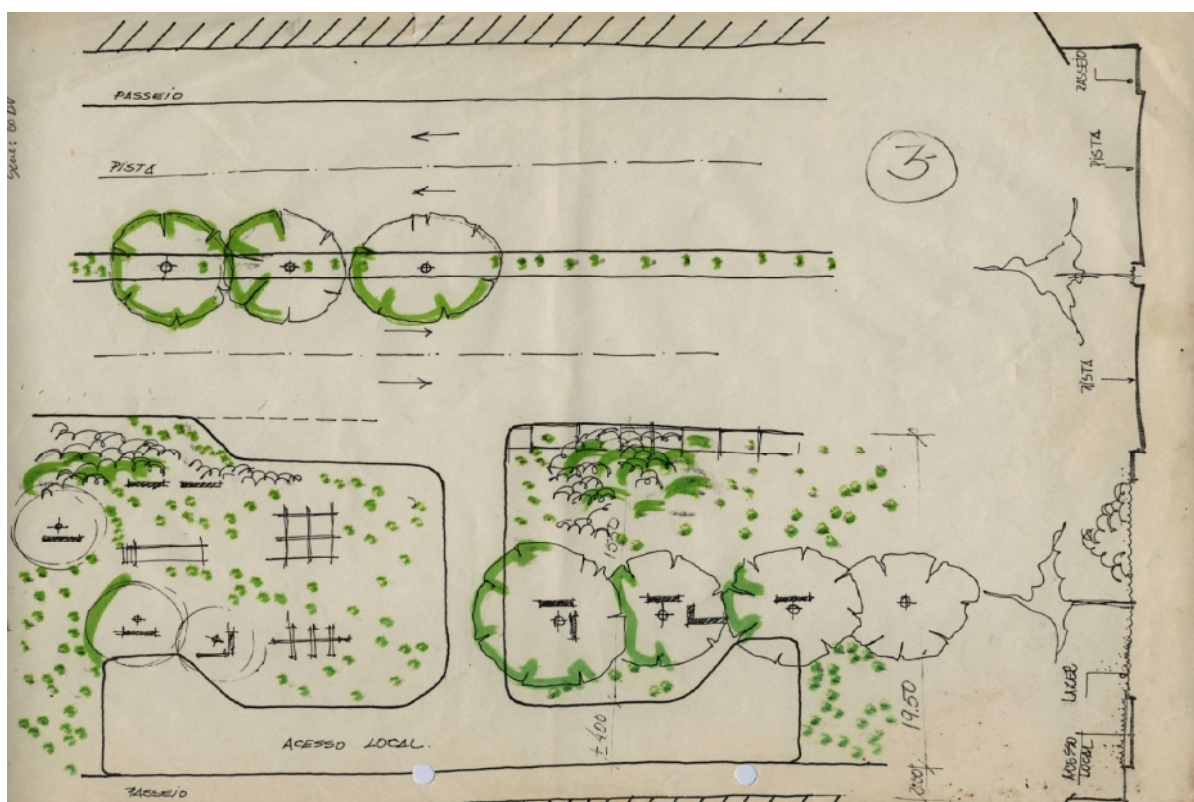


FIGURA 4: Projeto número 03. Fonte: Coleção Associação de moradores do bairro Bom Jesus. Centro de Documentação e Pesquisa em História, Universidade Federal de Uberlândia.

Pontos negativos: não tem ciclovia; a avenida atual terá que ser descolada para o outro lado; deslocamento da rede de água potável/rede de água pluvial; manutenção dos postes de luz; custo maior; bolsão, mais 3ª via para manobra e acesso de carros; as despesas voltariam para os moradores.

Ponto positivo: para se chegar à área de lazer teria mais segurança para nós moradores do bairro Bom Jesus, por não ter que atravessar a rua.¹⁸⁹

Através destes desenhos, podemos refletir um pouco sobre as concepções de cidade — ou do lugar considerado pelos moradores como bom para se viver — que estavam sendo postas no debate. Em todos eles, percebe-se uma preocupação com a segurança e a preservação de árvores que ali existiam. A noção de segurança aparece até mesmo como uma demonstração de coerência, já que este fora um dos pilares da pressão dos moradores do bairro.

Nos três projetos, há uma concepção geral que dá maior atenção para o lazer e a sociabilidade dos moradores daquele lugar em detrimento do uso para veículos e outros

¹⁸⁹ Ibidem.

transportes, o que estava fora de sintonia com o que vinha sendo planejado para a “via expressa”.

Existiam diferenças entre eles, o que os levava a construir os pontos positivos e negativos. Pelas entrevistas, e olhando os projetos, agora dá para percebermos que o defendido pela comissão de moradores seria o projeto dois, com a área de lazer entre as pistas. O projeto apresenta maior número de pontos positivos e um único negativo, o que mostra como foram disputados entre eles, e reafirma a carga política colocada em qualquer desenho urbano.

Estas diferenças não sufocavam as concepções que os nortearam, que vinham de um residual que pensava a cidade em outros valores:

A cidade tinha menos emprego, entendeu! Mas era uma cidade calma você podia sair da sua casa de deixa a sua casa aberta sair pra esquina, pra rua pra onde for. [...] Eu morava na Tibery, lá perto do parque do Sabiá eu vinha assisti filme no cine Éden, eu tinha uma bicicletinha Monark eu chegava na porta do cinema encostada entrava pra dentro nem cadeado não tinha. [...] Flor do Campo: terminava o cinema volta a bicicletinha encostada, montava e saia pra avenida acima se num atrapaiava ninguém, ninguém te via [...] ¹⁹⁰

Acredito que esta noção de segurança tem a ver com esta cidade calma, mas não como saudade ou uma tentativa de frear o progresso. Como sempre, eles usam os detentores do poder quando questionados, mas como sentido de uma cidade que se queria. Estes projetos colocavam em cheque as mudanças que vinham sendo provocadas pela prefeitura em aliança com outros setores dominantes nas duas décadas anteriores. Esta foi uma maneira de estes sujeitos dizerem que esta cidade das obras ou das vias expressas não lhes agradava e é neste sentido que ressignificam e radicalizam o que lhes colocaram anos antes como democracia participativa.

Nos três projetos, outros valores comuns como a preocupação com a estética e com aquilo que o senhor Fernando chamou de um significado pelo próprio morador de ter plantado árvores especiais como figueira, como paineiras que era uma beleza que

¹⁹⁰ José dos Santos, março de 2005.

enfeitava a avenida e dava um glamour que o povo gostava muito¹⁹¹. Manutenção das árvores que tinham grande significado para os moradores, área de ciclovias, área para pedestres, avenidas curtas, com mão dupla, e área de lazer para crianças são todas obras que traduziam a cidade dos moradores.

Nestes projetos, estão condensados valores construídos em uma teia social de diversas influências e que vinham das trajetórias e experiências do viver na cidade, das lutas pela permanência neste lugar e para fugir das representações que os excluía do que era considerado uberlandense pelos setores dominantes. A experiência está construída também na associação de moradores — a própria construção dos projetos foi organizada por ela e a sua votação dividida por quadras de moradores, também idealizada pela sua diretoria — e no diálogo que mantinham com setores da Igreja Católica ligada à Teologia da Libertação, lembrada mais acima pela dona Maria Aparecida como aqueles que gostam de reivindicar. É claro que neste momento é difícil separar os ingredientes deste amálgama de experiências nos desenhos dos projetos, já que vão aí muitos elementos extraídos de vivências particulares. O que nos importa aqui é entender o processo social que constrói as dissidências neste momento.

O que estava projetado nos desenhos e sendo disputado pelos (e entre) os moradores, então, era uma cidade construída na experiência diária, de muitos que estavam ali desde o tempo das Tabocas, que se sentiam pertencentes justamente por terem permanecido, por “sobreviverem” ao preconceito de serem os vilenos, daqueles que moravam perto do mato, para um momento em que poderiam conduzir a construção de um espaço importante do lugar onde moravam.

Depois de dois mandatos como prefeito (1969–1972 e 1977–1982) e algumas tentativas frustradas, Virgílio Galassi encontrava, com a sua terceira eleição em 1986, outra oportunidade de continuar o prolongamento das avenidas rumo ao distrito industrial. A continuação desta cidade projetada tensionava com os projetos acima que não previam a tal “via expressa”, que tinham outros sentidos para os que moravam neste lugar.

Tentei saber de alguns moradores que participaram mais de perto da construção destes desenhos qual deles teria sido o vencedor com os votos da maioria, mas cada um

¹⁹¹ Fernando Carlos Naves, março de 2005.

mostra aquele que possivelmente tinha gostado no momento das discussões. Não há uma opinião unânime. Entendo que, para fins de interpretar os significados trazidos sobre a cidade, não é necessário saber qual destes venceu, porque acredito que em todos transparecem valores muito próximos que entrariam em choque direto com a proposta trazida no mandato Virgílio Galassi. Ao ser perguntado sobre a execução dos projetos, o senhor Fernando Naves narra a dificuldade encontrada no diálogo com a prefeitura:

Virgílio Galassi foi assim incisivo, ele queria modificar aquele projeto pra fazê a ligação da, da, do distrito industrial com o CEASA (Central de abastecimento de Minas Gerais S/A) passando pelo centro, o projeto dele... ligaria toda a cidade para que o industrial ou o comerciante não perdesse mais do que quinze minutos. Então a população se insurgiu contra isso, inclusive foi muito interessante porque pessoas de idade participavam do movimento e conseguimos ir a prefeitura mais não fomos atendidos, ele inclusive usou assim de... um discurso não muito ético, falando que... “já que a população tava criando tanto problema pra ele, ele já tava tão aborrecido com aquilo que ele ia deixar aquela merda de lado” [...] ¹⁹²

Se num primeiro momento as empresas estavam dificultando a execução dos seus projetos, os moradores com os seus projetos urbanísticos nas mãos exerciam uma pressão ainda maior na disputa para a execução dos mesmos. A possibilidade de verem materializados os seus anseios na avenida já em obras ajuda na vigilância e na disputa com os engenheiros da prefeitura.

Na reconstrução do diálogo trazido pelo senhor Fernando Naves, estão as concepções de política tensionadas naquele momento. Para este sujeito, a idéia de ética política se mistura com a de moralismo dos termos e com um sentido de democracia que rompia com a noção de representatividade liberal.

Nas fotos tiradas na avenida e colocadas no início deste capítulo, podemos ter uma visão panorâmica da Monsenhor Eduardo com as duas pistas criadas na reforma, construídas na gestão Paulo Ferolla (1993–1996), já que na gestão Virgílio Galassi a população criara muitos empecilhos. Nestas pistas, está a tradução dos interesses dos grupos ligados a estes prefeitos, principalmente da empresa Transcol (Transportes

¹⁹² Fernando Carlos Naves, março de 2005.

Coletivos Ltda.), detentora da concessão do transporte público, maior beneficiada com a criação da pista exclusiva para seus ônibus e com a finalização da “via expressa”, que significava a continuação do projeto ligado aos comerciantes e industriários da cidade.



FOTO 05: Foto da parte central da avenida que se estende até o Moinho de Trigo Sete Irmãos, 2005. Em destaque, elevado construído para garantir o trânsito livre dos ônibus no corredor central da avenida. Foto tirada pelo autor.

Esta foto coloca em destaque a edificação construída para fechar as travessas laterais do bairro e possibilitar aos ônibus ganho de tempo e economia de combustível e desgaste de pneus com as paradas nesses pontos. Ela traz ainda uma faixa de pedestres que simboliza os espaços destinados a homens e mulheres que precisam cruzar este trecho da cidade. A noção de velocidade, juntamente com a exclusividade a determinados veículos, aponta para um lugar “desumano”, lembrando os termos trabalhados pelos membros da associação de moradores.

Ao ser perguntado sobre o resultado destas obras, o senhor Pedro tece a seguinte avaliação:

Pois é, Virgílio Galassi, aquela senhora diz que eu falo não é Virgílio Galassi não é Virgílio Calassi mais deixa pra lá, mais eu quero dizê assim ele foi um bom prefeito e tudo que tem em Uberlândia foi feito por ele.

Entrevistador: Pelo Virgílio?

Pedro Alves de Oliveira: pelo Virgílio, mais aí venceu o tempo dele, ia tê outro que é o Ferola, e na hora que o Ferola entrou é que fez essa besteira aqui [corredor de ônibus da Monsenhor Eduardo] tapá todas as ruas e não sei a troco do que e zangou o bairro [...] besteira porque só pra fazê [...] eu sei que zangô, a Monsenhor Eduardo assim zangô e fechou novamente a minha rua Jataí, fechou a Salvador, fechou a Niterói, fechou tudo, só tem a de baixo ali que é aberta e lá em baixo a Buriti Alegre só. [...] Pois é e outra coisa ali era tudo assim baixinho aterraram até ficá arto pra fecha e num sei pra que, isso eu quero que desmancha. [...], mais a rua, a avenida Monsenhor Eduardo azangou de fecha ela toda feito pelo Ferola na época dele e é isso aí, então isso aí precisa sê desmanchado, precisa mesmo.¹⁹³

Na interpretação que faz da cidade, este morador designa a outros o poder de execução das obras e estabelece um diálogo com uma versão hegemônica em alguns espaços da cidade que colocam o ex-prefeito Virgílio Galassi como “prefeito do século” ou como o responsável pelo crescimento econômico e industrial. Virgílio Galassi e Paulo Ferolla estão no mesmo grupo político e dividiram o poder durante três mandatos consecutivos. Nas suas memórias desse tempo, o responsável pela obra foi o segundo, porém o que é relevante da sua fala é o significado das ações deste prefeito, experimentadas por muitos como derrota. Este sentimento não está limitado no desenho da avenida de hoje, mas sim, e aí muito mais dramático, na derrota em um campo político do que significava participar.

É evidente que as pessoas não estão olhando no mapa dos engenheiros urbanos para descobrirem onde “podem” transitar. Os espaços são transformados pelo seu uso diário, utilizados de acordo com os seus interesses, e na dinâmica da disputa pelo direito à cidade, reapropriados constantemente sobre o que fora designado pelo conhecimento técnico-oficial para outros fins.

¹⁹³ Pedro Alves de Oliveira, fevereiro de 2005.

No modo como os moradores ouvidos na pesquisa retomam suas trajetórias no momento em que nos encontramos, eles constroem os significados para as transformações ali vividas:

[...] não tem uma passarela lá embaixo de pedestre, tem um viaduto lá em cima, mas aqui assim mesmo aqui ninguém passa, ninguém passa por aqui, então eu mesmo já falei: “olha nós vamos batiza esse bairro de novo, nós vamos muda”, eu dei a idéia eu falei: “nós vamos batiza esse bairro ele não vai mais chama bairro de Bom Jesus, vai chama ilha de Bom Jesus, porque nós estamos ilhados. [...]

Tamos ilhados pela Minervina e pela Monsenhor, nós só moramo nessa ilhazinha que não tem creche, que não tem posto policial que não tem uma pracinha pras criança tomá uma fresquinha né, uma ilha sem recurso.¹⁹⁴

Esta construção dos significados das reformas no lugar de moradia traz os conflitos em torno dos sentidos dados ao território e apresentados nas faltas. Além disso, expõe os sentidos das disputas pela cidade envolvidos nestas pistas, agora servindo às empresas de transporte coletivo¹⁹⁵ e aos comerciantes, industriários e proprietários de automóveis em geral.

Na vida cotidiana, nas rotinas diárias, estes moradores vivem seus pequenos traumas relacionados a este processo¹⁹⁶, frustrações, desejos não consumados, repressões, disputas entre valores e interesses, que são retomados no diálogo estabelecido nas ruas do bairro.

Isso pode estar ligado aos militantes do Partido dos Trabalhadores que atuaram na comissão de moradores, por exemplo. O que esperavam do movimento? Da criação de uma associação? Da criação dos vários planos para a avenida? Ver o anseio dos moradores materializados na Monsenhor Eduardo poderia ter um significado muito maior, poderia estar materializando a idéia de organização, do coletivo. O que significaria na experiência destes o recuo dos moradores? A pouca participação nas

¹⁹⁴ Maria de Lourdes Gonçalves, entrevista realizada em agosto de 2004.

¹⁹⁵ A avenida possibilita um ganho maior na medida em que podem colocar seus ônibus em uma velocidade constante de quarenta quilômetros por hora, diminuindo gasto com paradas e transportando os trabalhadores do centro ao setor industrial com custo menor.

¹⁹⁶ Dona Maria de Lourdes Gonçalves tem parte de uma perna amputada em função de um acidente no corredor central da avenida.

reuniões? A não participação depois de retirado os trilhos? A adesão, em um primeiro momento, às idéias trazidas pela administração Virgílio Galassi, à idéia de via expressa, do progresso para o bairro? Essa “adesão” surge em algumas falas no bairro hoje:

Era só trilho a Monsenhor Eduardo era só esse pedaço dessa avenida debaixo que descia era tudo de paralelepípedo, tudo esburacada, tudo danada então o bairro não queria aquilo, por isso que eles pediram pra tira, no momento em que tiraram os trilhos aí asfaltaram aí ficou melhor, ficou aquela coisa bonita, um cartão de visitas isso aí oh.

Entrevistador: Então o senhor gostou dessa avenida?

Flor: Que isso sem dúvida nenhuma, sem dúvida nenhuma, muito bonita, muito legal essa avenida, as vezes o pessoal do bairro aqui reclama, fala “essa avenida acabou com o bairro porque não tem travessia não tem nada, aqui não travessa ninguém”, “ocêis é porque é acostumado em cidade pequena, por isso vocês fala isso”, porque os grandes centro não tem travessia pra lá e pra cá não, você vai em Brasília por exemplo que eu conheço mais ou menos se você se perder no retorno você vai vinte ou trinta minutos pra achá outro, agora o cara fica reclamando que passa duas esquinas e não tem uma entrada dessa, fica reclamando não tem nada a ver não isso é atraso, isso é pessoas atrasadas, eu acho muito bacana essa avenida é um cartão de visitas da cidade [...].

O senhor José dos Santos trabalha com a idéia do moderno e do atrasado de acordo com a sua trajetória. A sua entrevista é muito significativa nos vários pontos de adesão ao projeto proposto pelas administrações Virgílio Galassi e Paulo Ferola e, em 2004, no apoio à campanha de Odelmo Leão, o que destoa de outros moradores ouvidos.

Pensei muito nos valores expressos no momento em que falava da avenida como cartão postal, quando falava dos trilhos como uma convivência tranquila e na ausência de problemas vividos no bairro. Uma questão povoava minha cabeça: o que este senhor está me falando? A resposta parece estar no enredo de sua entrevista e em sua vivência no bairro. Como foi exposto, “a estrutura de sentimento”¹⁹⁷ é cunhada no sentido da permanência, esta foi sempre a grande dificuldade deste morador: pagar aluguel, viver a valorização do bairro por “entrar” no setor central, ver muitos proprietários e moradores saírem dali ou conseguirem, nos vários trabalhos que executam, ficar. E é justamente

¹⁹⁷ Conceito cunhado na obra de Raymond Williams.

este o sentido trabalhado neste texto, o diálogo com diferentes interpretações para entendermos como a cidade muda.

O tempo dos trilhos ou da participação não tem para ele o mesmo significado. A história que constrói tem como suporte o tempo do reconhecimento, por isto seu enredo se divide entre a Vila das Tabocas, daqueles que eram vadios, e o momento em que tocar significa fazer parte, pertencer. A resposta é este presente, do senhor José dos Santos, tocador de viola reconhecido nos circuitos oficiais da Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Uberlândia, e não do senhor José dos Santos dos anos 1970, do tempo da Mogiana, que está ligado ao tempo do trabalho pesado nas sacarias.

Este processo de avaliação do bairro e da avenida Monsenhor Eduardo nos mostra um campo de disputas em torno dos significados do crescimento da cidade, num movimento de adesão sentida no atendimento de algumas necessidades, mas também na ausência de direitos, como o de planejar e materializar uma perspectiva para o território onde vivem, criam filhos e laços de solidariedade.

Ao interpretar um diálogo estabelecido com os engenheiros responsáveis pela obra, dona Maria de Lourdes tece uma reflexão sobre os conflitos vivenciados na execução da obra e também sobre o direito de ter direitos sobre a cidade:

Não muita gente ia lá né, na hora que eles tavam aterrando, vinha caminhões e caminhões de terra despejando ali né o povo pensava “porque será que eles tão pondo essa terra ali né” ia lá perguntar “não é que nós tamo construindo aqui vai ficar bão uma pista só pra ônibus”, conversa né, engenheiro é muito sabido, né ... “é porque aqui vai ficar muito bom, uma pista só pra ônibus pra evita acidente, evita isso, evita aquilo”, cadê o acidente [batendo na sua perna amputada] eu tinha perna antes da pista ali, cadê minha perna [...]. os padeiro, os funcionário perdeu aquele emoção de fazê boas quitandas porque não tem quem passa aí pra compra só mesmo os moradores do bairro. É, então matou o bairro com essa Monsenhor Eduardo porque ali não era alto, depois que eles aterraram, levantaram o piso pra fazer a linha do ônibus, aquilo ali era puseram terra demais pra fazer subi daquele tanto, não era necessário eles fazer aquilo ali.¹⁹⁸

¹⁹⁸ Maria de Lourdes Gonçalves, agosto de 2004.

Nesse diálogo narrado, a moradora expõe as tensões de classe construídas nos valores daquele espaço específico. Morador e engenheiro constroem referências diferentes para o território e essa diferença está fundamentada não só no saber como também nas tensões de classe. O seu trauma pessoal e a motivação dos padeiros recuperam os valores que estavam sendo disputados no momento da reconstrução da avenida, valores que estavam sendo colocados em torno da cidade que se queria. Parece-me claro que não estão rejeitando o crescimento industrial, já que fora este que empregara muitos dos seus pares e que hoje emprega os filhos. Mas, por outro lado, há uma avaliação e uma projeção da cidade fundamentada na noção de direito, direito de dizer que alguns procedimentos e caminhos escolhidos não foram os melhores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os últimos quarenta anos marcaram tempos de mudanças na cidade de Uberlândia. Mudanças que pareciam físicas em um primeiro olhar, mas que envolveram sentidos do viver a/na cidade. Ao analisar estas transformações, pude compreender essa cidade na dinâmica das lutas sociais, pelos direitos à memória, nas tensões entre memórias que traziam outras histórias silenciadas no processo de disseminação dos projetos urbanísticos pensados dentro de uma lógica de mercado. Além disso, podemos constatar as muitas estratégias e lutas dos sujeitos para pertencer a esta cidade que levaram a construir sentidos para o viver na cidade, sentidos estes que foram expressos no sentimento de permanência nos territórios modificados pela ação de engenheiros e arquitetos que trabalharam em sintonia com os interesses dos setores dominantes.

Buscamos, ao longo deste trabalho, apreender os sentidos destas mudanças na vida social da cidade, na organização simbólica dos espaços, tomando como referência o lugar dos narradores e os seus lugares sociais. Para conseguir apreender os sentidos destas mudanças, ouvi alguns sujeitos e fui colocando suas memórias em diálogo com outras para criarmos uma história sobre a cidade, compreendida nas tensões sociais, que possibilitasse questionar outras histórias que ouvimos e vemos registradas em vários espaços. Esta memória oficializada silenciava projetos, modos de viver, sentir, divertir e trabalhar em Uberlândia.

Ao terminar este trabalho, posso perceber as marcas de um processo de mudança nas minhas reflexões e na forma de entender a construção de sentidos na história. Nestes dois anos, tive que quebrar antigas noções de percepção e escrita da minha história para conseguir avançar no entendimento destes processos sociais ouvidos nas entrevistas e lidos em documentos de lugares sociais diferenciados.

Acredito que termino este trabalho começando a entender alguns procedimentos de leitura do social que estão colocados em um debate coletivo sobre questões relacionadas à história e à memória dentro das abordagens da História Social. Foi ouvindo alguns enredos que construí o meu próprio neste trabalho, que insere muito da minha experiência como pesquisador e professor da rede pública municipal em Uberlândia.

Este passo no árduo caminho de compreender as tramas conflituosas, contraditórias, costuradas na luta de muitos sujeitos pelo direito à cidade, pelo reconhecimento da diferença na busca de uma igualdade de condições, começou a ser dado no momento em que compreendi que existiam as formas hegemônicas de domínio do social não só nos valores, sentimentos e nas relações sociais apreendidas pelos trabalhadores de Uberlândia, mas também na escrita e na compreensão acadêmica destas relações.

O contato com memórias construídas na relação dialógica com alguns sujeitos colocou-nos questões que não poderiam ser resolvidas com um olhar visto de cima, o que significa compreender o social composto por muitas histórias reconhecendo as dificuldades e tentando apreender o sentido de produzir e articular outras histórias para além daquelas que se valida e que se torna visível no universo acadêmico¹⁹⁹. É uma tentativa de acatar uma proposta que vem sendo construída coletivamente, por meio de um texto articulado com muitas histórias, no qual o historiador tem a responsabilidade pela sua interpretação, mas a faz ouvindo outras. Esta possibilidade rompe com o que acredito ser mais uma das múltiplas construções hegemônicas que separam a produção do conhecimento — que está restrita aos entendidos do assunto, cientistas, acadêmicos — da informação, esta fornecida pelas fontes²⁰⁰, dentre elas, as entrevistas que realizamos²⁰¹.

Outra grande dificuldade encontrada ao longo destes dois anos de leitura, pesquisa e escrita está na maneira de lidar com o tempo, ainda muito marcado em minha reflexão pela forma cronológica e linear que, em muitos momentos, separava os sujeitos aqui ouvidos em grupos fixos, perdendo a relação dialógica entre eles.

A organização final do trabalho seguiu, então, tempos trazidos pela memória, que se entrelaçam na relação presente-passado. E foi esta relação que nos trouxe outras questões para terminar o trabalho abrindo possibilidades. Esta é uma tentativa de

¹⁹⁹ FENELON, Déa Ribeiro et. al. (orgs.) "Introdução". Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Olhos d'água, 2004, p. 07.

²⁰⁰ Fato significativo desta hegemonia em alguns espaços está na experiência com orientandos de monografia da Universidade Estadual de Goiás que defenderam seus trabalhos no final de 2005. Os trabalhos envolviam temas como a Pastoral da Criança, saúde pública em Itumbiara e construção da imagem do caipira. Nos debates das mesas de defesa, estivemos por diversas vezes sob fogo cruzado tentando defender a construção de um texto com estas múltiplas vozes e tendo que mostrar onde estava a cientificidade de nossa opção.

²⁰¹ Cf. PORTELLI, Alessandro. "A filosofia e os fatos, narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais". In: Tempo, Revista do Departamento de História da UFF, n. 2, dez. 1996, p. 53-72.

demonstrar que as lutas na cidade não param, tanto para afirmar valores, quanto para reapropriá-los e questioná-los.

Ao voltar e olhar para o bairro Bom Jesus nesta etapa final de trabalho, andar pelas ruas, observar o ritmo lento de muitos dos seus moradores, ver as conversas nos portões, nos muitos lugares de encontro para os papos de fim de tarde, retomo em minha mente os meus percursos. Estas formas de sociabilidade mantidas neste lugar insistem em colocar sobre tensão uma imagem de Uberlândia reafirmada, recriada como pólo industrial ou oásis do mercado.

Neste território, reconfigurado nas reformas liberais, foi possível visualizar, depois de todo o processo de pesquisa e reflexão, as marcas deixadas por disputas vivenciadas ao longo desse processo e os modos de viver reapropriados, com outros usos, criados a partir de valores que não foram totalmente cimentados em viadutos, avenidas e pistas exclusivas.

Nas disputas recuperadas ao longo destes capítulos, alguns projetos conseguiram ficar, se tornar hegemônicos, mas, ao mesmo tempo, outras batalhas reaparecem, demonstrando-nos que as lutas continuam, agora em outros patamares, com outras estratégias e que, às vezes, temos dificuldade de percebê-las, pelo fato de idealizarmos as formas como os sujeitos se colocam.

Percorri, por muito tempo, alguns lugares aqui investigados, sobretudo a Avenida Monsenhor Eduardo, que foi durante muito tempo cruzamento obrigatório no meu caminho rumo à Universidade Federal de Uberlândia. Ao sair da Avenida João Naves de Ávila, passar pelo centro da cidade, Praça Sérgio Pacheco, e, finalmente, pela Avenida Monsenhor Eduardo, percebia que a construção destes lugares apontava para a continuidade, para a velocidade como se fosse extensão de uma perspectiva única. A impressão que me dava era de certa homogeneidade destes lugares ligados pelas avenidas.

Ao sair da avenida, virar à esquerda e entrar no bairro Bom Jesus com olhares diferentes da perspectiva impressa na lógica de uma cidade ordenada para os veículos, para a dinamização das relações de mercado — cidade esta construída pelas ações dos planejamentos urbanísticos que tinham como olhar político a funcionalidade de vias expressas para determinados grupos —, encontramos muitas histórias e memórias sobre este território, que vão além destas noções.

Nestas muitas histórias, estão sentidos colocados pelos seus moradores nos tempos da memória. Quando problematizamos os sentidos de viver neste lugar e questionamos aqueles dados pela cidade, ouvimos narrativas que davam significados diferentes, os quais colocavam as disputas pela cidade em outros referenciais. Muitos destes moradores falavam da luta que travaram para continuar morando neste bairro e outros traziam enredos de batalhas pelo reconhecimento dos seus modos de viver na cidade.

Estas categorias de pertencimento e reconhecimento foram cunhadas e problematizadas a partir destes enredos e ajudaram a apreender as disputas materiais e simbólicas que os muitos sujeitos vivenciavam no seu cotidiano da cidade. As memórias aqui reconstruídas por alguns sujeitos marcam, então, as formas como viveram na cidade e se colocaram frente a valores que tentaram reorganizar, reconstruir e remodelar²⁰² os seus.

As ações dessas pessoas a fim de permanecerem e serem reconhecidas ali como sujeitos levaram-me a pensar as diferentes maneiras com as quais o presente vivido neste lugar é significado nas muitas memórias, nas temporalidades diferentes que implicaram em trazer a relação presente-passado e neste movimento presente-futuro colocado nas tensões vividas e nas dinâmicas das lutas sociais.

Assim, o então tempo das Tabocas ou o tempo da Mogiana aparece nestes registros ou narrativas explicitando estas temporalidades de outras histórias sobre a cidade para colocar em movimento o fazer histórico das relações sociais na cidade e para trazer outros sentidos a elas, que tensionam a lógica hegemônica construída neste processo.

No tempo da Vila das Tabocas, os moradores pobres que ali residiam eram rotulados pelo jornal Correio de Uberlândia como homens e mulheres que não se encaixavam no ou na uberlandense ideal para este grupo, naqueles que possibilitavam investimentos e lucros para os grupos econômicos ligados a ele. Lugar maldito, de malandros, dos pobres que se misturavam com a natureza do lugar, com a poeira, casas de caixas, favelas. No tempo das reuniões da associação, este lugar já é significado pelos agentes deste jornal como centro e, neste sentido, com outros referenciais, retirando o conjunto de vivências destes moradores.

²⁰² Cf. HALL, Stuart. Notas para desconstrução do popular. In: Da diáspora. Identidades e mediações culturais. SOVIK, Liv (org.). Belo Horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO, 2003, p. 247-264.

Estas construções, símbolos elaborados para este território, ganharam relevância porque assim conseguimos no diálogo com as memórias produzidas pelos moradores, construir uma história que problematizasse os valores dados ao crescimento urbano. Este lugar foi visto de maneiras diferentes por estes sujeitos ao longo desse processo de progressão do centro comercial rumo ao hoje bairro Bom Jesus, o que gerou sentimentos diferenciados nas narrativas que construímos com os moradores.

Nestes enredos, eles ressignificaram os sentidos produzidos pela idéia de que ali viviam vadios e preguiçosos. Ao falar das dificuldades de pagarem seus lotes, de se deslocarem para os locais de trabalho, ou quando o senhor José dos Santos constrói um enredo que perpassa pelo trabalho pesado nas sacarias e vai até o reconhecimento como artista da cidade, esses moradores estão se colocando na cena urbana como sujeitos e disputando, mesmo que de forma extremamente desigual, a memória sobre essas mudanças vivenciadas na cidade.

Entendo que, juntamente com esta expansão, foram gerados sentimentos de perda frente às novas relações. Mas no caso específico deste bairro foram gerados também sentimentos diferenciados naqueles que por ali ficaram e viveram outras elaborações para o local de moradia.

Morar na Vila e depois no Bairro tem sentidos muito importantes na vida destes sujeitos. Não há como compreender o significado do crescimento da cidade sem entender este processo de transformação de suas vidas, que são simbolizadas na mudança do nome. Para estes moradores, o tempo presente é uma marca de seus crescimentos porque, mesmo vivendo relações desiguais, eles ficaram.

Esses moradores vivem agora em um setor nomeado por outros como uma região central. Morar no centro hoje é muito diferente. Este sentido veio em função de ser o centro um espaço de reformas, no caminho da expansão de uma lógica de se pensar lugares urbanos como facilitadores para a busca de negócios e lucros de alguns empresários (empresas de transporte urbano, distribuidoras de produtos industrializados, beneficiadoras de produtos agrícolas). Neste olhar, o que era periferia ganha contornos diferenciados porque passa a compor os caminhos deste capital.

Nestas batalhas visíveis na linguagem que nomeia lugares, concepções de cidade estavam colocadas. Quando muitos moradores ouvidos nos diziam nosso bairro, ou a história do nosso bairro, ou, como o sr. Valci, a história do bairro é a história do povo,

eles traziam as formas de disputas simbólicas que encerram nestas definições. O bairro, então, supera o sentido de espaço demarcado cartograficamente para fins de localização e ganha o sentido de território produto de relações de poder e de embate de força dos principais agentes²⁰³ que atuam neste lugar. Suas fronteiras não são, necessariamente, aquelas produzidas pelos mapas oficiais, já que suas definições dependem do processo social e das interações entre estes agentes.

Nestes quarenta anos, um sentido de cidade que se quer foi construído. Os vários embates e projetos alternativos construídos nestes lugares estudados foram derrotados, porém a dinâmica social redimensiona lutas e possibilita contra-usos que retornam como avaliação das opções feitas nestes tempos de conflitos mais abertos.

Ao longo deste trabalho, das inúmeras visitas aos arquivos, conversas e andanças pelo bairro Bom Jesus, percebemos os vários sentidos construídos pelos diferentes sujeitos que significaram o crescimento da cidade de Uberlândia e do lugar melhor para se viver, nos últimos trinta ou quarenta anos. Ficou claro como estes sentidos de crescimento foram reapropriados e significados no sentimento de pertencimento que foram narrados pelos moradores ouvidos.

Estes sentimentos expressos em narrativas, em atas da associação de moradores e nos projetos desenhados para a reconstrução de uma avenida entrecruzam sentimentos, valores tecidos em meio às tensões sociais frente a uma cidade simbólica por vezes não reconhecida por eles. Estas tensões vão sendo construídas culturalmente no próprio movimento do viver a cidade, quando os moradores experimentam o sentimento de se verem excluídos ou de viverem a dominação frente a grupos empresariais. Por outro lado, ainda na dialética do viver, aparecem em seus enredos as formas com que lutam pelo direito de serem reconhecidos em suas diferentes maneiras de expressar, trabalhar, divertir, enfim, seus viveres urbanos.

Esta maneira de ler o social nos levou a pensar algumas tensões postas nas entrevistas e, de certa forma, vivenciadas em Uberlândia do tempo presente. Narrativas que tratam da vida de alguns sujeitos com quem dialogamos nesta cidade, mas que são significativas para pensar como estão vivendo os trabalhadores e quais os dilemas e tensões que apontam as suas falas.

²⁰³ SILVA, Lúcia Helena Pereira da. Luzes e sombras na cidade: no rastro do Castelo e da Praça Onze 1920/1945. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2002, p. 03.

Acredito que algumas interpretações ainda ficaram para serem pensadas. O que apareceu com muita ênfase para mim foi o sentimento que muitos trouxeram nos seus enredos do que é viver e do que significa ser trabalhador em Uberlândia e neste país, no tempo presente. Preocupações estas colocadas nas entrevistas que reavaliam a cidade na qual vivem hoje e que, no caminho da memória, projetam um futuro em que já pressionam os projetos vencedores e hegemônicos do presente.

Entre as entrevistas trabalhadas nesta dissertação está a de Dona Minervina da Silva Sérgio, entrevistada pela historiadora Eliene Dias de Oliveira, que gentilmente nos cedeu seu trabalho para compormos nossa interpretação. Dona Minervina traz, em sua fala, uma reflexão sobre o tempo presente e uma bela e dramática interpretação do modo como muitos trabalhadores vivem hoje e de como planos econômicos, inflação²⁰⁴ e gatilhos roubaram-lhes o poder de compra.

Na narrativa recomposta destes tempos que se cruzam para constituir o que significa ser trabalhador pobre, aparecem hoje outros temas que estiveram presentes em muitas narrativas, mas aos quais não conseguimos nos dedicar.

Ainda pensando a fala de Dona Minervina, lembramos do movimento que esta narradora constrói ao trazer os sentidos para o ser pobre nesta cidade. A noção trazida sobre o salário vai muito além do que valores numéricos ou porcentagens. Para Dona Minervina, as moedas de mirreis e real ligam o presente e o passado, carregam valores que nos colocam como eles experimentaram o acirramento das desigualdades nestes mais de 30 anos. A existência da pobreza não pode ser um dado naturalizado do real, e a forma como Dona Minervina narra ajuda-nos a problematizar este termo, colocando-o em movimento e no fazer-se destes sujeitos na cidade.

A noção de salário construída na sua fala está ligada ao sentido do trabalho como um ato que gera o sustento da família e garante condições de sobrevivência na cidade. A lembrança das entidades caminha nesta reflexão, de como estes tempos estão sendo vivenciados e apropriados na sua consciência como perda de uma lógica do trabalho como garantia mínima. A saudade de Dona Minervina traduz justamente este sentimento de perda e, a partir deste enredo, ela constrói a interpretação do que significa ser pobre, dos sujeitos que perderam determinadas possibilidades de viver.

²⁰⁴ 1993 começa com vários reajustes, Correio do Triângulo, 1993; Autolatina reajusta preços hoje, Correio de Uberlândia, 06 de janeiro de 1993, Balanço do Sine aponta 50% de queda de emprego na cidade, Correio do Triângulo, 10 de janeiro de 1993.

Por se tratar de sujeitos que estão se fazendo e construindo suas histórias na forma como vivem determinadas relações e nas formas como elaboram o vivido, esta construção de Dona Minervina ajudou-me a pensar sobre algumas questões postas por homens e mulheres com quem trabalhei na pesquisa, os quais colocam as questões que enfrentaram neste tempo presente em total sintonia com esta noção de desvalorização do sentido do trabalho, aliada com o sentimento de viverem tempos de violência.

Estas questões apareceram em lugares sociais diferentes ao longo da construção do meu próprio enredo colocado na dissertação. A minha experiência como professor da rede pública municipal — primeiro no bairro Brasil, na Escola Municipal Otávio Batista Coelho Filho; depois por alguns meses no Dom Almir, na Escola Municipal Joel Cupertino, bairro periférico e extremamente carente de recursos; e, atualmente, na Escola Prof.^a Stella Saraiva Peano, no bairro Guarani, também em uma região periférica da cidade — me trouxe algumas inquietações sobre este tempo, que está muito próximo do que ouvi dos moradores do Bom Jesus e do que li em alguns trechos da entrevista acima. Nas conversas em sala de aula com alunos ou com outros trabalhadores da educação, percebemos construções muito fortes, entendidas por vezes como desesperança.

Em um primeiro momento, isto me parecia estar ligado ao que pensam sobre a educação e a importância desta para os filhos de trabalhadores pobres neste país. Nas conversas nas salas de professores, no início do ano letivo ou durante os módulos²⁰⁵, o tema geralmente circulava em torno da (in)disciplina e da violência na escola. Palavras como agressão e cursos na Polícia Militar para lidar com os alunos passaram a ser rotina nestas conversas.

Ao ler as entrevistas, percebi que esta temática permaneceu. Aqui, lembro-me da entrevista de Dona Ana Maria, para quem Uberlândia era uma cidade que os outros queria, que era paraíso né, era considerada cidade calma e era considerada um paraíso e hoje é uma cidade violenta²⁰⁶. Nesta interpretação de Dona Ana Maria, percebemos novamente os questionamentos para as noções de crescimento da cidade, aqui colocada com outro sentido, ligado ao do crescimento da violência.

²⁰⁵ Aulas livres para os professores prepararem suas aulas. Com um cargo completo de 18 horas aula semanais, o professor dispõe de um dia para cursos e aperfeiçoamento e dois horários de cinquenta minutos para troca de idéias e organização de algum material.

²⁰⁶ Ana Maria B. Pereira, fevereiro/2005.

Voltando nas análises do primeiro capítulo, percebemos que no reconhecimento do crescimento da cidade aparece o seu questionamento, ou a construção de significados, que tira a homogeneização tão fortemente defendida pelos setores dominantes quando falam de desenvolvimento e crescimento.

Nas noções de paraíso e violência, estão localizados os choques entre os valores disputados em outros tempos. Nas explicações desta moradora, alguns sentidos que projetam estes valores, mas que também se firmam em sentidos construídos pelos setores dominantes. Isso pode ser percebido quando, em outro momento, a moradora se coloca como nascida em Uberlândia e quando a difere com os que vêm de fora.

As elaborações colocadas nestes enredos são ricas e passam por uma teia de significados difíceis de serem apreendidos. Ao tempo em que absorve uma proposta hegemônica, coloca a meu ver outras perspectivas, no momento em que diz ser de Uberlândia. Colocar-se como sendo da cidade tem o sentido de direito em contraponto ao migrante, mas também de direito à cidade em contraposição aos que planejaram e colocaram em prática os projetos vencedores.

Quando Dona Ana recupera a vida no bairro Bom Jesus, dizendo que era maravilhoso de passeá que tinha aquelas crateras cê ia lá e cavucava tirava aquelas areias branquinhas pra areiá os alumínios²⁰⁷ não está lutando contra o progresso ou negando algumas facilidades da vida doméstica de hoje. Esta volta ao cotidiano do trabalho da década de 1960 ou 1970, da busca da areia e água, ancora o sentido de cidade que se quer para viver.

A cidade pequena, a cidade de outros tempos, demonstra que a vitória de alguns projetos que se tornaram hegemônicos e construíram para Uberlândia a imagem de cidade do capital agro-industrial em alguns lugares, e centro do comércio em outros, é questionada nesta narrativa. Acredito que, ao narrar seus sentimentos em relação à violência instaurada hoje, dona Ana Maria não está querendo a cidade dos anos 1960 de volta. Ela demonstra a constituição de reivindicações projetando valores para o viver na cidade, questionando o que está colocado e pensando o futuro. Estes são os caminhos da memória.

O senhor José dos Santos também nos falou sobre a cidade de Uberlândia nestes tempos. Ele traz a seguinte descrição: uma cidade calma você podia sair da sua casa e

²⁰⁷ Ana Maria B. Pereira, fevereiro de 2005.

deixa a sua casa aberta sair pra esquina, pra rua pra onde for²⁰⁸. No seu enredo, pode ser percebida a dificuldade de lidar com os novos dilemas colocados no social — drogas, falta de segurança, problemas e tensões da vida urbana que se contrastam com a vida calma e tranqüila do tempo da memória. Uma vida mais tranqüila, ninguém te via ou atrapalhava, que sentidos guardam estas afirmações? Novamente, não acredito na tese do saudosismo ou da falta de percepção das diferenças sociais, dos conflitos, mas sim no fato de reportar a uma memória que ao mesmo tempo constrói um projeto para a cidade, ou aponta para uma perspectiva do que se sonha como relações sociais ou para a cidade em que se quer viver.

Essa é uma preocupação corrente no enredo construído pelos entrevistados. Percebemos um movimento constante do presente para o passado, mostrando que algo foi perdido nos valores pautados como segurança e confiança. Na narrativa do senhor Valci, uma ligação entre a tranqüilidade e a convivência com o mato: não a vida aqui no bairro que eu posso falar é que quando a gente veio pra cá era um bairro tranqüilo porque era praticamente mato ainda²⁰⁹. A volta ao lugar no tempo das Tabocas serve de referencial para a avaliação que os moradores fazem da cidade do presente. Na fala deste trabalhador, o sentido para esses novos dilemas é percebido quando ele coloca que a sua vida é mesmo uma luta. A nova dinâmica social os obriga a mudar as ações e as formas de morar neste lugar.

Quando fala deste tempo dona Marli coloca: agora eu tenho medo, é violência demais²¹⁰. O medo a que se refere sua esposa, Dona Marli, não é imaginário, é fruto de suas experiências de conviver com vizinhos que foram assaltados, de ter sempre uma possibilidade de que isso ocorra também em sua residência. Mas o enredo coloca uma questão mais ampla para os que ali estão: as relações sociais colocadas nesta contemporaneidade geram insegurança, porque estão calcadas em valores que estes sujeitos não reconhecem como próximos aos seus, o cerrado como símbolo de um outro tempo tem este sentido.

Num primeiro momento, os enredos pareciam não ter sentido, porque uniam a cidade progressista com uma saudade da cidade calma, ou daquela onde as pessoas ficavam sentadas na porta de suas casas, como fala a Dona Ana Maria, ou ainda de

²⁰⁸ José dos Santos, março de 2005. (grifos meus)

²⁰⁹ Valci da Silva Oliveira e Marli Aparecida Oliveira, janeiro de 2005.

²¹⁰ Idem.

poder ir ao cinema de bicicleta sem se preocupar em trancá-la, de dormir com os portões abertos sem medo ou de morar no cerrado. Estas falas começam a compor algo para nós quando pensamos estes dilemas no sentido do fazer-se destes moradores na cidade. O que significa para nós que os projetos derrotados dos anos 1980 não acabaram com o potencial dos sujeitos de fazer os seus lugares.

É nesse sentido que esta preocupação com segurança não pode ser simplificada na perspectiva liberal de bandidos e honestos, culpados e vítimas, ou como simples ônus do progresso a ser reprimido pelos agentes da segurança pública e, recentemente, pelos privados. Precisamos pensar os sentidos buscados nas intervenções propostas pelos grupos que estiveram no poder instituído durante estes anos e que, aos seus modos, com apoio dos setores privados, foram modelando a cidade e construindo novas formas de viver.

Estas colocações não estão referenciadas apenas na vida destes sujeitos, podemos vê-las e ouvi-las na mídia, que coloca a violência urbana como um dos grandes problemas a serem enfrentados pelo país. O senhor José dos Santos fala neste tom quando nos diz que o que atrapalha a cidade, o que atrapalha Uberlândia é o que atrapalha qualquer parte do país e do mundo que é a violência e a droga que tomou conta do mundo, porque os nossos governantes não toma participação disso aí, que o nosso código penal é muito falho²¹¹.

É justamente nesta problemática global que moram as armadilhas do pensamento hegemônico, trabalhado aqui na fala do senhor José dos Santos. Ao tratar esta questão como algo geral, tiram-se as ações de homens e mulheres reais que disputam na cidade os sentidos do seu viver. Pensamos esta questão, aqui, como outros momentos de embates que pressionam modelos hegemônicos colocados. Na forma como os trabalhadores elaboram o problema e as suas prováveis soluções, eles demonstram que se movimentam na cidade, ressignificando projetos e reconstruindo os seus.

Falar sobre drogas e violência no bairro Bom Jesus tem particularidades em função das casas de lazer noturno²¹² existentes ao longo da Avenida Monsenhor Eduardo. Estas casas caracterizam-se por um local de lazer de trabalhadores de baixa

²¹¹ José dos Santos, março de 2005.

²¹² Na avenida Monsenhor Eduardo, existem as seguintes casas: Brasileirinho e Vila de Ouro; e, na avenida João Pessoa, a uns 500 metros de distância destas, está o Fazendão.

renda. Ao lado delas, há muitos bares e casas de prostituição. No final deste trabalho, apareceu-me, para este lugar, mais esta construção: a avenida Monsenhor Eduardo e o bairro Bom Jesus como lugares de lazer que carregam uma série de sentidos e disputas colocados na cidade e nas noções de violência.

Ao longo dos anos noventa, este lugar quase não aparece na imprensa. O jornal Correio de Uberlândia passa ter um caderno específico sobre cidades, buscando incorporar as cidades vizinhas para o seu raio de cobertura e, evidentemente, de ganhos. Neste caderno, os bairros de Uberlândia aparecem reivindicando serviços públicos, como por exemplo a segurança e, de forma mais geral, falando de eventos e formas de comportamento que buscavam uma maior integração à vida de outras regiões.

No mesmo tempo em se que cria esse caderno de Cidades, aparece também um pequeno quadro neste jornal chamado Barra Pesada e, logo depois, Casos de Polícia, no qual é possível ver, em alguns momentos, registros sobre esta região da Monsenhor Eduardo que constroem uma imagem para este lugar de lazer.

Muitos dos sujeitos que buscam estes lugares como diversão compõem um grupo de renda baixa, dos salários mínimos, como pedreiros, carroceiros, motoristas, entre outros. Não foi possível conhecer mais estas formas de lazer a partir do jornal, porque a sua intenção ao falar do local foi construir outros referenciais que criminalizavam estas opções.

Um aspecto característico desta construção está justamente no fato de as poucas referências aos bares e casas noturnas do Bom Jesus estarem, em sua maioria, na coluna policial e nunca nos cadernos de Cultura, que na concepção do jornal aparecem como arte e diversão dos uberlandenses. Nesta Cultura divulgada no jornal não cabem estes lugares de lazer de trabalhadores.

Ao transformar local de lazer em lugar criminalizado, o jornal volta, agora no tempo presente, a segregar o bairro Bom Jesus, em função de um sentimento de insegurança vivenciado por muitos moradores da cidade. Isso não quer dizer que as cenas registradas não existiram ou que, além destas, outras poderiam aparecer. Não se trata de um exercício de inocentar homens e mulheres em função da classe, mas sim de perceber como, neste tempo presente, a imprensa vai separando os sujeitos, culpabilizando e segregando formas de diversão que não cabem na imagem dos uberlandenses que insistem em criar.

No diálogo entre os moradores e o historiador, aparecem os dilemas da vida no bairro. Na fala destes moradores, surgem as casas noturnas mediando o tema da insegurança. Os usuários destas casas aparecem separados de outro grupo, dos que querem trabalhar. Em um primeiro olhar, estas narrativas vêm dialogando com esta construção do jornal — o lazer nestes lugares como fomento da insegurança —, mas acredito que há mais nestas falas. Quando moradores como o senhor Valci, fala daqueles que querem trabalhar, ele está justamente se colocando entre eles e se defendendo de mais uma tentativa de ser excluído da condição de sujeito desta cidade. Sujeitos que, na concepção excludente de uma elite letrada, agora não são mais os malditos, mas aqueles que moram em um lugar violento.

No tempo da Mogiana, ficaram registradas para estes trabalhadores as dificuldades de estarem em um lugar distante, da falta dos equipamentos públicos e da criminalização dos seus modos de vida. Eles também trouxeram nos seus enredos valores residuais marcados pelo sentimento de exclusão que, por outro lado, marcaram um tempo de “lutas”. Lutas estas que traduzem uma batalha dramática de permanecer àquele lugar e pertencer à cidade. Agora eles precisam se armar para não serem os chagas urbanos novamente, se não como pobres, como produtores ou cúmplices de lugares de assaltantes e traficantes.

Outra fala é muito interessante para se pensar estas batalhas:

Um problema muito sério na Avenida Monsenhor Eduardo é a questão da prostituição. [...] A Monsenhor Eduardo começa a potencializar o que antes era um caminho natural devido a mogiana o seu caráter de boemia, de lazer noturno. Então são abertas casas de shows, que é até curioso, funcionam durante o dia, de oito às dezessete ou de duas a meia-noite. Então teve lá o Brasileirinho, teve lá o Viola de Ouro, além das casas da João Pessoa. Então aquele trecho da Monsenhor Eduardo foi agregando casas de prostituição, inclusive de crianças, de menores, de pedofilia. [...] Ali as crianças brincavam de papagaio, utilizavam da pista e brincavam de bola, as ruas eram menos movimentadas e tinham mais contato com a praça Sérgio Pacheco. Não tinha um equipamento de lazer mas as crianças eram mais soltas. Com relação a prostituição, tinha uma casa amarela do lado da própria escola 13 de Maio que por vezes a gente fez reclamações na prefeitura, não por moralismo, porque é direito das mulheres exercerem sua profissão, ganharem sua vida, mas que representavam um perigo para a população, porque sempre havia briga [...] Ainda tinha o problema das batidas policiais, a minha própria mãe chegou em casa algumas vezes correndo porque em uma delas tinha assassinado uma pessoa a luz do dia, a polícia chegou batendo nas prostitutas, aquele tumulto.²¹³

²¹³ Fernando Sérgio Naves, março de 2005.

Em contraposição ao tempo da calma, ao tempo das pessoas religiosas, está o lugar da prostituição. Os dramas vivenciados no tempo em que vivemos hoje, como a prostituição infantil, aparecem no movimento da sua memória com a imagem da infância das brincadeiras. Novamente, aparecem as casas de shows, agora num meio ligado à problemática da prostituição. Os termos mudam em relação às falas do senhor Valci e da Dona Marli, mas acredito que compõem o mesmo enredo. O senhor Fernando é mais novo que os moradores acima, não têm no seu enredo as dificuldades de se manter neste lugar.

A forma como lembra das batidas, das prostitutas, marcam no seu enredo como este bairro vai sendo ressignificado na cidade e reafirmado como lugar onde nasce a violência em função das ações dos que ali moram, trabalham e se divertem. O aparecimento destas prostitutas em sua fala se dá em um movimento de derrota de alguns projetos e das formas como vão sendo vistos pela imprensa. Parece que sair do bairro é também sair desta construção, que lhes coloca no grupo dos causadores de problemas na cidade.

Em outro trecho, volta a tratar da vida boêmia no bairro:

A Marciano de Ávila também passou a ser uma rua boêmia, com muitos bares, inclusive criaram um bar de encontro de violeiros que funciona em período integral de seis as seis da manhã, então lá principalmente nos finais de semana era muito barulho, acompanhado de outros bares. [...] O perfil do bairro se degradou muito, realmente um bairro muito boêmio, um reduto boêmio, em que prostitutas e homossexuais fazem ali o seu tour. Convidam pessoas, abordam pessoas se desnudam. Há cartazes de propaganda de programas de 1,99 (risos), lá tem 1,99 sexual. O bairro hoje é um bairro central mas inviável a gente não sabe porque [...] com a retirada da ferrovia o bairro se degradou ainda mais. [...] Hoje a gente vê meninas se oferecendo para senhores de idade em troca de craque. Houve a degradação mesmo, a droga, a bebida, os valores se inverteram, antes era o conservadorismo dos religiosos, agora o liberalismo das pessoas jovens.²¹⁴

Os bares do bairro compõem este cenário da degradação dos modos de viver no bairro. Os bares, a prostituição, o liberalismo — termo interessante porque aqui representa excesso de liberdade mal utilizada pelos jovens —, tudo poderia significar mesmo este conjunto de mudanças que o senhor Fernando tenta explicar no surgimento

²¹⁴ Fernando Sérgio Naves, março de 2005.

do consumo de drogas, na pauperização dos trabalhadores que provocou uma inversão de valores.

Pensando o social que provoca a reflexão deste sujeito, podemos voltar nas noções de crescimento urbano que norteavam a imagem da cidade e que, em muitos momentos, tinham o reconhecimento dos moradores. Este reconhecimento não estava nos mesmos sentidos dos setores dominantes, ainda que muitos aparecem retrabalhados a partir do que produzira e divulgara estes setores. Ao interpretar este lugar, o morador, mesmo absorvendo esta idéia de culpabilizar ou criminalizar espaços e sujeitos do bairro, trata dos caminhos, das opções que muitos projetos que marcavam este crescimento estão levando.

Vamos lembrar aqui do senhor José dos Santos, que possui um bar na cidade e é um dos violeiros que freqüentam este espaço de sociabilidade da Avenida Marciano de Ávila. O seu bar se chama Flor do Campo, localizado há alguns metros do Bar dos Violeiros, famoso ponto de encontro destes músicos na cidade. O senhor José dos Santos já lutou contra preconceitos que, na década de 1960, o colocavam como vagabundo. Ter um bar e um reconhecimento marca o sentido do seu pertencimento a esta cidade. Agora no tempo presente, ele volta a lutar contra as tentativas de se colocarem suas práticas fora do comportamento esperado na cidade. O que em alguns momentos significava crescimento pessoal passa a ser motivo de mais uma luta.

O senhor José dos Santos fala destes novos desafios quando compara os tempos em que vive no Bom Jesus, hoje eu moro aqui, tem três salão de dança daqui a quatro quarteirões, eu não vou em nenhum porque se tenho medo de saí a porta pra fora de noite [...] antigamente não tinha isso, não tinha droga, não tinha assalto, não tinha nada.²¹⁵. Estas colocações destes morador ajuda-nos a refletir sobre o que significa viver hoje em Uberlândia e no bairro Bom Jesus. As drogas aparecem novamente, e não quero aqui dizer que são fantasias, são problemas reais, acredito que a luta não está aí no fato de elas existirem ou não, nem nas formas de combatê-las, mas sim na maneira como os moradores se colocam nesta realidade difícil de um tempo em que ser trabalhador pobre tem outros contornos, em que o salário não é mais suficiente para garantir a sobrevivência, em que bolsas e cestas complementam renda. É significativo para estes moradores do bairro lutar para fugirem de mais uma estratégia de exclusão, que agora os coloca na gênese da violência na cidade.

²¹⁵ José dos Santos, março de 2005. (grifos meus).

Voltamos a reafirmar o caráter provisório de nosso trabalho, buscamos aqui construir um diálogo com muitos sujeitos que construíram sentidos para esta cidade e, a partir das memórias postas e disputadas por estes sujeitos, construir uma história que colocasse a cidade em movimento e recuperasse projetos enterrados, mas que nos levaram a outros caminhos.

Participamos aqui de um esforço conjunto, coletivo, de pensar esta cidade e usar de todas as nossas forças para pôr em pauta e em prospecção outros valores que permeiam as relações sociais em nossa sociedade. Juntamente com os trabalhadores desta cidade, questionamos os sentidos únicos, as histórias consagradas e escrevemos outra história, registramos outra memória a partir das muitas que ouvimos e lemos.

Entendo que as disputas não terminaram, apesar das muitas dificuldades encontradas nestas últimas décadas. Outras estratégias estão sendo orquestradas e postas em prática, as quais esperam não só a leitura, mas também o diálogo ativo do historiador.

ACERVOS E FONTES

A - Entrevistas:

01- Wilma Ferreira de Jesus. Assessora do Deputado Federal Gilmar Machado (PT-MG), Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia. Data da Entrevista: 20 de janeiro de 2003. Foi membro e diretora da Associação de Moradores do bairro Bom Jesus. Atualmente mora no bairro Gramado.

02- Maria Aparecida Rosa. 70 anos. Aposentada. Data da Entrevista: 17 de março de 2003. Foi membro da associação do moradores do bairro Bom Jesus. Reside na Avenida Monsenhor Eduardo.

03- Iverso Rodrigues Miranda. 59 anos. Revendedor de produtos alimentícios. Data da Entrevista: 06 de junho de 2003. Foi diretor da Associação de Moradores do bairro Bom Jesus. Atualmente mora no bairro Granada.

04- Maria de Lourdes Gonçalves. 65 anos, Aposentada. Data da Entrevista: 25 de agosto de 2004. Natural da região do Sul de Minas. Moradora do bairro há mais de 40 anos. Reside no bairro na Avenida Mauá. Foi, juntamente com o seu marido, proprietária de casa comercial no bairro. Hoje tem um imóvel alugado no bairro.

05- Valci da Silva Oliveira, 63 anos e Marli de Oliveira. Motorista de caminhão e Dona de casa. Data da Entrevista: 10 de janeiro de 2005. Ambos participaram das reuniões da Associação de Moradores, dona Marli com mais assiduidade.

06- Ana Maria B. Pereira. 53 anos. Dona de casa. Data da Entrevista: 20 de fevereiro de 2005. Natural de Uberlândia. Reside hoje no bairro Brasil. Morou no bairro Bom Jesus durante a sua juventude até o casamento.

07- José dos Santos. 60 anos. Comerciante e Violeiro. Data da Entrevista: 13 de março de 2005. Natural de São Francisco de Oliveira, oeste de Minas Gerais. Chegou na cidade na década de 1960. Possui um bar na avenida Marciano de Ávila, no bairro Bom Jesus.

08 – Pedro Alves de Oliveira. Aposentado, 83 anos. Data da Entrevista: 25 de fevereiro de 2005. natural de Prata-MG, veio para a cidade de Uberlândia nos anos 50. Foi dono de casa noturna no bairro, dono de pequenos comércios e hoje proprietário de imóveis alugados no bairro.

09- Minervina da Silva Sérgio, 79 anos, Função: Aposentada. Entrevista cedida por Eliene Dias de Oliveira e realizada em 12 de novembro de 2003. Natural de Conquista-

MG. Entrevista cedida pelos enredos construídos sobre a Vila das Tabocas no tempo do Quebra em Uberlândia, final da década de 1960.

10- Fernando Sérgio Naves, aposentado, 47 anos. Entrevista realizada em 10 de março de 2005. Morador do bairro até o ano de 2005. Freqüentador de vários espaços da Universidade Federal de Uberlândia. Participou da comissão de moradores e da Associação de Moradores do bairro Bom Jesus.

B - Jornais:

Sequenciais: Correio de Uberlândia. 1980 a 1990.

Esporádicos: Correio de Uberlândia 1960.

C – Mapas

Uberlândia – década de 1950. Produzido por: DAMASCENO, Fernando Sérgio. Condições de vida e participação política de trabalhadores em Uberlândia nos anos de 1950/60. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

Localização do bairro Bom Jesus – 2002. Produzido por: SILVA, Marta Maria da. Reestruturação urbana no bairro Bom Jesus – Uberlândia. Monografia, Centro Universitário do Triângulo, Uberlândia, 2001.

D – Atas

Atas da Câmara de Vereadores de Uberlândia 1983-1984. Arquivo Público Municipal – Prefeitura Municipal de Uberlândia.

E – Fotos.

Arquivo pessoal 2004/2005. Fotos registradas pelo pesquisador nos vários lugares do bairro Bom Jesus.

F – Correspondências.

Correspondências recebidas pela Prefeitura Municipal de Uberlândia 1980-1990. Arquivo Público – Prefeitura Municipal de Uberlândia.

G - Outras:

Coleção da Associação dos Moradores do Bairro Bom Jesus. Documentação composta por fotografias, correspondências recebidas e expedidas, atas de reuniões e recortes de jornais. Documentação doada ao centro de Documentação e Pesquisa em História, do Instituto de História, na Universidade Federal de Uberlândia.

BIBLIOGRAFIA

ALVARENGA, Nizia M. As associações de moradores em Uberlândia: um estudo das práticas sociais e das alterações nas formas de sociabilidade. Dissertação (Mestrado em história) – Pontifica Universidade Católica, São Paulo, 1988.

ARANTES, Antônio A. Paisagens paulistanas: transformações do espaço público. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

ARANTES. Otilia. Urbanismo em fim de linha. São Paulo: EDUSP, 1998.

BARBERO, Jesús-Martín. Ofício de cartógrafo – travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: edições Loyola, 2004.

BENJAMIM, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, Vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CALVO, Célia Rocha. Muitas memórias e histórias de uma cidade: experiências e lembranças de viveres urbanos – Uberlândia 1938-1990. Tese (Doutorado em História Social) Pontifica Universidade Católica, São Paulo, 2001.

CAPELATO, Maria Helena R. O controle da opinião e os limites da liberdade: imprensa paulista (1920-1945). In.: Revista Brasileira de História. ANPUH/Marco Zero, vol. 12, nº 23/24, Set/91/Ago/92, pp. 55-76.

CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco; MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs.). História: narrativas plurais, múltiplas linguagens. Uberlândia: EDUFU, 2005.

CARMO, Luiz Carlos do. “Função de preto”: trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia/MG 1945-1960. Dissertação (Mestrado em História Social) Pontifica Universidade Católica, São Paulo, 2000.

CASTRO, Ana Paula Cantelli. Organização e disputa pelo espaço urbano: Uberabinha/MG (1890-1930). Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

CEVASCO, Maria Elisa. Para ler Raymond Williams. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

———. Dez lições sobre estudos culturais. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

CHAUÍ, Marilena. Conformismo e resistência – aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CIRIACO, Adriana José. Memória e cidade – experiências e lembranças de viveres urbanos (Catalão 1970-1980). Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

CORRÊA, Roberto L. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 1989.

CRUZ, Heloísa de Faria. Na cidade, sobre a cidade: cultura letrada, periodismo e vida urbana – São Paulo 1890-1915. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 1994.

DAMASCENO, Fernando Sérgio. Condições de vida e participação política de trabalhadores em Uberlândia nos anos de 1950/60. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

DESAN, Suzanne. Massas, comunidade e ritual na obra de E. P. Thompson e Natalie Davis. In.: HUNT, Lynn A nova história cultural.. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FENELON, Déa Ribeiro (org.). “Cidades”. In: Revista Projeto História do Programa de Estudos Pós Graduated em História do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo: EDUC, 2000.

———. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo?. In.: História & Perspectivas. Uberlândia: EDUFU, nº 06, Jan/Jun. 1992. pp. 05-24

——— et. al (orgs.). Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Olhos d’água, 2004.

FONTANA, Josep. História: análise do passado e projeto social. Tradução: Luiz Roncari. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1998.

HALL, Stuart. Dá diáspora. Identidades e mediações culturais. SOVIK (org.). Belo Horizonte. UFMG, Brasília: UNESCO, 2003.

HOBBSBAWM, Eric J. Mundos do trabalho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

———. Pessoas extraordinárias - resistência, rebelião e jazz. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1999.

———. Sobre História. SP. Cia das Letras, 1998.

HOGGART, Richard. As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos. Portugal: Editorial Presença, 1973.

HOLSTON, James. A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

JESUS, Wilma Ferreira de. Poder público e movimentos sociais aproximações e distanciamentos: Uberlândia – 1982-2000. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

KNAUSS, Paulo. “Imagem do espaço, imagem da história. A representação espacial da cidade do Rio de Janeiro. Tempo, Rio de Janeiro, Vol. 2, nº 3, 1997, p. 135-148.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. Revista Projeto História. PUC/SP, São Paulo: EDUC, nº 22.

LEITE, Rogério Proença. Contra-usos da cidade – lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas/SP: Editora da Unicamp; Aracajú/SE: Editora da UFS, 2004.

MACIEL, Laura Antunes. Cultura e tecnologia: a constituição do serviço de telégrafo no Brasil. In.: Revista Brasileira de História. ANPUH/Marco Zero, vol. 21, nº 41,

MORAIS, Sérgio Paulo. Trabalho e cidade: trajetórias e vivências de carroceiros na cidade de Uberlândia. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

NUNES, Leandro José. Progresso, trabalho e quebra-quebras – Uberlândia 1950-1960. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Dennison. Elites econômicas e a produção do espaço urbano. In.: Revista Paranaense de Geografia. Curitiba/PR: UFPR, nº 03, 1998, pp. 05-17.

PASSERINI, Luiza. Ideologia e consenso do trabalho sob o fascismo italiano. Tradução: Helen Hudes e Yara Aun Khoury. Mimeo.

PETUBA, Rosângela M.^a Silva. Pelo direito à cidade: Experiência e Luta dos Trabalhadores Ocupantes de Terra do Bairro Dom Almir – Uberlândia - 1990-2000. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

PINHEIRO, Maria L. Ugarte. A cidade sobre os ombros – trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925). Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

PORTELLI, Alessandro (Coord.). República dos sciucsià: a Roma do pós-guerra dos meninos de Dom Bosco. Tradução Luciano Vieira Machado. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.

———. História Oral como Gênero. In: Revista Projeto História do Programa de Estudos Pós Graduated em História do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo: EDUC, nº 15, 1995.

———. A filosofia e os fatos, narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: Tempo, Revista do Departamento de História da UFF, n. 2, dez. 1996, pp. 53-72.

———. O que faz a história oral diferente. In: Revista Projeto História. PUC/SP, São Paulo: EDUC, n. 17, 1997, pp. 25-40.

———. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta M & AMADO, Janaína (org). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

SADER, Eder. Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTANA, Eliene D. de Oliveira. Cultura urbana e protesto social: o quebra-quebra de 1959 em Uberlândia-MG. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

SAMUEL, Rapahel. História local e história oral. In.: Revista Brasileira de História. ANPUH/Marco Zero, vol. 09, nº 19, Set/91/Fev/90, pp. 219-248.

SANTOS, Marina de Souza. Memórias, trajetórias e viveres: a experiência de ser nordestino (a) em Dourados – MS (1940-2002). Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

SARLO, Beatriz. Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação. São Paulo: EDUSP, 1997.

SILVA, Lúcia Helena Pereira da. Luzes e sombras na cidade: no rastro do Castelo e da Praça Onze 1920/1945. Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2002.

SILVA, Luzia Márcia Resende. Carregadores de mercadorias: memórias e lutas Uberlândia-MG, 1970-2000. Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2003.

SILVA, Marta Maria da. Reestruturação urbana no bairro Bom Jesus – Uberlândia. Monografia, Centro Universitário do Triângulo, Uberlândia, 2001.

SOARES, Beatriz Ribeiro. Uberlândia: da “Cidade Jardim” ao “Portal do Cerrado” – imagens e representações no Triângulo Mineiro. Tese (Doutorado) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1995.

THOMPSON, E. P. A miséria da teoria ou um planetário de erros - uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

———. A Formação da classe operária inglesa I. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.

———. A Formação da classe operária inglesa II. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2002.

———. Costumes em comum – estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

———. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Antônio Luigi Negro e Sérgio Silva (orgs.). Campinas SP: Editora da Unicamp, 2001.

THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. In.: Revista Projeto História. São Paulo: EDUC, nº 15, 1997.

WILLIAMS, Raymond. Cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

———. Marxismo e Literatura. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.